



CYBERBULLYING: PARA ALÉM DOS MUROS DAS ESCOLAS

Fernando Cesar de Castro Schreiber¹ - UTPPR
Maria Cristina Antunes² - PUCPR

Grupo de Trabalho - Didática: Teorias, Metodologias e Práticas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Sobre a influência do rápido desenvolvimento das tecnologias de comunicação e suas implantações no meio social que têm ocorrido no Brasil, a violência escolar passou a se estender para fora do muro das escolas, também por meio das redes sociais e aparelhos de comunicação digital. Este tipo de violência é denominado *cyberbullying*. *Cyberbullying* é conceituado como *bullying* através do uso de informações e de tecnologias de informação, como *e-mail*, celular, aparelhos e programas de envio de mensagens instantâneas e *sites* pessoais. Esse trabalho tem por objetivo descrever a ocorrência de *cyberbullying* entre estudantes de escolas públicas e particulares de Curitiba. A pesquisa foi realizada com 328 alunos de 6º a 9º ano do ensino fundamental da educação básica, em duas escolas do município de Curitiba, sendo 173 alunos de uma escola da rede pública e 155 alunos de uma escola da rede particular. Os dados foram obtidos por meio de um instrumento baseado nos estudos de Shariff (2011), Brasil (2010) e Campos (2009), e o questionário anônimo, composto por 42 questões (91 perguntas) para identificar os tipos de ocorrências de *cyberbullying*; levantar a ocorrência dos papéis de vítima, agressor e espectador; caracterizar os tipos de *cyberbullying*; e pelo Inventário de Estilos Parentais. Os resultados foram submetidos aos testes paramétricos de qui-quadrado e Teste T, a um nível de significância de 5%, para comparar os resultados do colégio público com os do colégio particular. Os resultados mostraram não haver diferença significativa entre os colégios nas escalas de *bullying* e *cyberbullying*, indicando existir uma correlação dos estilos parentais com as escalas de *bullying* presencial, e de vítima, agressor e espectador de *cyberbullying*. Os dados obtidos poderão contribuir para planejamento de programas e projetos de intervenção e prevenção relacionados à violência escolar.

Palavras-chave: Cyberbullying. Violência escolar. Agressão virtual.

¹ Mestrando em Psicologia Social Comunitária pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) Email: fer_etp@hotmail.com

² Docente do programa de Mestrado em Psicologia Social Comunitária pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). – Pesquisadora do Núcleo de Estudo e Prevenção de AIDS da USP. Email: mcantunes@uol.com.br

Introdução

É inegável que vivemos dias difíceis e que a violência tem envolvido grande parte da sociedade mundial. No Brasil, a violência tem feito milhares de vítimas nas ruas, nas comunidades e nas escolas, e, em alguns casos, esse ato é praticado pela própria família. É comum nos depararmos com manchetes em meios de comunicação sobre diversos tipos de violência no âmbito escolar, tais como: ameaças feitas por alunos a professores; depredações a patrimônios da escola; e ofensas e agressões entre estudantes. Para Lopes Neto (2005) o termo “violência escolar” engloba todos os comportamentos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, etc. Para o autor, esse tipo de violência é decorrente de fatores externos e resultado da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade.

É nesse contexto que surge um tipo específico de violência escolar, que ocorre entre pares: o *bullying*. Fante (2005) define *bullying* como atitudes agressivas de todas as formas, praticadas intencional e repetidamente, que acontecem sem motivação evidente, podendo ocorrer por um ou mais estudantes que agridem outra pessoa ou grupo, levando a vítima a um estado de dor e angústia. Essas atitudes são executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima. Martins (2005) defende, mostrando que autores do *bullying* costumam agir com dois objetivos: primeiro para demonstrar poder, e segundo para conseguir uma afiliação junto a outros colegas. Diferente de outros tipos de agressões que acontecem entre vítima e agressor, existem, dentro do *bullying*, três personagens relevantes que, de acordo com Fante (2005), Lopes Neto (2005) e Smith (2002) são: os *agressores*, as *vítimas*, e os *espectadores*.

Os *agressores* podem ser classificados como impulsivos ou dissimulados. O impulsivo geralmente é uma pessoa com pouca estabilidade emocional, agredindo de forma cínica; já os dissimulados são os agressores que têm alto poder de manipulação no grupo, sendo mais difícil de serem descobertos. Estes sujeitos possuem a tendência de se tornarem adultos agressivos e antissociais, com distúrbios de comportamentos (FANTE, 2005). O segundo personagem é a *vítima*, pessoa que sofre a agressão, por possuir pequeno poder de defesa. Os efeitos psicológicos desta agressão frequente são os mais diversos e vão desde uma baixa autoestima, dificuldade em se relacionar, depressão, síndrome do pânico até a morte (suicídio). Por último,

a autora apresenta como terceiro personagem os *espectadores*, ou seja, aquelas que presenciam e, por medo de se tornarem vítimas, não denunciam os agressores (FANTE, 2005).

Com isso, é possível perceber que quando falamos de *bullying* não estamos tratando de apenas uma relação entre duas pessoas, mas sim de um relacionamento que envolve uma dinâmica social específica. Essa variedade de papéis se assemelha a diversidade de pessoas que convivem dentro do ambiente escolar. Para Wendt, Campos e Lisboa (2010), o fenômeno *bullying* pode ser resultado da sociedade contemporânea, individualista, competitiva e que reforça a banalização de valores éticos e as noções de respeito ao outro. Além disso, de acordo com Tognetta e Bozza (2010), com o advento da tecnologia, em que as formas de relações sociais entre as pessoas se tornam cada vez mais virtuais, essa mesma forma de violência atravessa as fronteiras do mundo físico e passa a ser virtual. Temos, então, o que é denominado *cyberbullying*.

Cyberbullying

A internet é um espaço on-line que suprimiu algumas barreiras sociais e espaciais do mundo físico. Hoje é possível a aproximação de pessoas de diferentes lugares, facilitando a comunicação e interação. Com isso, o desenvolvimento tecnológico apresenta aspectos positivos e negativos no que se refere à inserção da internet na vida das pessoas de diferentes maneiras (LÉVY, 1999; CASTELLS, 2005; FRANCO, 2012).

Entretanto, Shariff (2011) lembra que, se a internet nos trouxe a aproximação de pessoas, ela trouxe também a sensação de um espaço sem limites onde tudo é permitido, o que pode causar prejuízos nas relações sociais. Antes de fazer apologias, seja para aspectos positivos ou negativos, é importante entender e identificar o contexto envolvido diante da internet e seus diferentes fenômenos. Neste sentido é importante conceituar o *cyberbullying* e identificar fatores do contexto sociocultural relacionados a esse fenômeno no Brasil e em outros países.

Conceito de Cyberbullying

Com a ampliação do estudo do fenômeno *cyberbullying*, muitas são as definições encontradas para este termo. Para este estudo, foram utilizadas apenas as definições de pesquisadores que apareceram com maior citação acadêmica. Nos estudos de Belsey (2004), o pesquisador define *cyberbullying* como uso de informações e de tecnologias de informação,

como *e-mail*, celular, aparelhos e programas de envio de mensagens instantâneas e *sites* pessoais, com o objetivo de difamar ou apoiar de forma deliberada comportamentos, seja de indivíduo ou grupo, que firam de alguma forma outros indivíduos. Já no estudo de Willard (2003, p. 66) a autora define como um discurso “difamatório, que constitui o *bullying*, assédio ou discriminação, que revela informações pessoais ou contém comentários ofensivos, vulgares ou depreciativos”. Campbell (2005) conceituou o *cyberbullying* como uma forma de *bullying* que utiliza a tecnologia como um mecanismo de ofensa usado por crianças e adolescentes. Por fim, Patchin e Hinduja (2006, p. 149) conceituam *cyberbullying* de forma mais abrangente: “ofensa deliberada e repetida infligida por texto eletrônico.”

Embora haja uma diversidade de definições referente ao *cyberbullying*, é possível perceber que todas têm em comum o fato de que os meios e as ferramentas da tecnologia de comunicação estão sendo usados para a realização do fenômeno *bullying* na internet, sendo a comunicação deliberada e intencional, repetida e excludente (SHARIFF, 2011). Desse modo, constata-se que os fenômenos *bullying* e *cyberbullying* apresentam características semelhantes como também trazem algumas especificidades que serão tratadas a seguir.

Características

Segundo Shariff (2011), existem alguns fatores no contexto do fenômeno, referente à tipologia, causas e consequências, que contribuem tanto para o *bullying* quanto para o *cyberbullying*. Para Bibou-Nakou; Tsiantis; Assimopoulos & Chatzilambou (2013) e Lee (2011) o *bullying* pode se manifestar por violência física, mas também através de formas relacionais, ou seja, através de ameaças, acusações injustas e indiretas, roubo de pertences, difamações sutis, degradação da imagem social, entre outros, resultando na discriminação ou exclusão de vítimas do grupo. Além disso, sua manifestação pode ocorrer também no ciberespaço (*cyberbullying*), seja pelo envio de *e-mails* e de mensagens agressivas diretamente à vítima, até a disseminação de imagens, vídeos ou comentários difamatórios a uma ampla rede de pessoas.

A primeira característica do *cyberbullying* é a sua continuidade extrema. Diferentemente do *bullying*, em que ao ir para a casa a vítima fica longe da violência, no *cyberbullying* ela fica à mercê das ofensas (SLONJE & SMITH, 2008).

A segunda característica, e uma das mais discutidas, está relacionada às diferenças de gênero. Por um lado Slonje and Smith (2008) relatam não haver diferenças de gênero entre os agressores e até mesmo entre as vítimas, uma vez que dentro de seus estudos a diferença no

número de meninos e meninas envolvidos não foi estatisticamente significativo. Porém, Shariff (2011) caracteriza uma série de diferenças de gênero no modo como indivíduos do sexo masculino e feminino se envolvem com o *cyberbullying* e na maneira como se comunicam com os amigos pela internet. Entretanto, essas características diferem de acordo com a cultura e crenças do seu país de origem, e ainda não existem estudos que levantem essas características do *cyberbullying* no Brasil. Artz (1998), Boyd (2000) e DiGiulio (2001) apontam que tanto para o sexo masculino quanto para o feminino há um aumento no comportamento violento entre o sexto ano do ensino fundamental e o primeiro ou segundo ano do ensino médio (entre 9 e 16 anos). Para Wendt, Campos e Lisboa (2010), a maior incidência ainda é observada em meninos no papel de agressores e vítimas. No entanto, os autores ressaltam a importância de se observar a dificuldade que os profissionais encontram em identificar a ocorrência da forma indireta de *bullying*, como fofocas e difamações, que são, na maioria das vezes, praticadas pelas meninas.

A terceira característica refere-se a repetição. No *cyberbullying* essa é especialmente problemática para operacionalizar, pois pode haver diferenças entre a percepção do agressor e da vítima, em termos de repercussão do fato e das consequências potenciais (SLONJE & SMITH, 2008). Quanto à repetição, ela se torna clara quando o agressor envia inúmeras mensagens de texto de telefone ou *e-mails*, porém não é tão clara quando este cria um único site depreciativo, ou uma mensagem em um site, em que muitas pessoas podem acessar e comentar (LEISHMAN, 2005). Isso corrobora o apontamento de Vandebosch & Van Cleemput (2008) que consideram bastar uma única ocorrência virtual como *cyberbullying*, principalmente se já houver situações de *bullying* presencial. Hawker e Boulton (2000) explicam que pelo fato das brincadeiras e das provocações serem caracterizadas por uma combinação de atributos incômodos e engraçados e, muitas vezes, conter mensagens ocultas, pode se tornar difícil reconhecer os envolvidos (autor, vítima e espectadores) e diferenciar as brincadeiras entre pares do *bullying* presencial.

Outro fator característico apontado por Belão, Leão Junior & Carvalho (2012) é a anonimidade na internet e o aumento de propagação do assédio virtual. Até mesmo uma criança ou adolescente que em público não se envolveria com o *bullying* pode vir a praticar o *cyberbullying*, tornando a situação da vítima ainda mais angustiante por não saber quais pessoas estão por trás dos ataques. De acordo com Willard (2003) esse anonimato contribui para desinibição do comportamento dos agressores, gerando uma tendência à irresponsabilidade de seus atos, dando, assim, uma sensação de liberdade proveniente da possibilidade de suas ações não serem punidas. Contudo, o autor lembra que todo computador utiliza um código de IP, que

pode ser rastreado, porém com muita dificuldade, deixando, dessa forma, uma falsa sensação de anonimato. Sendo assim, a internet desperta em algumas crianças e adolescentes a sensação de que não há regras legais ou éticas que regem as interações que ocorrem na rede, portanto, sentem-se livres para experimentar seu lado bom e ruim (OLIVEROS, AMEMIYA, CONDORIMAY, OLIVEROS, BARRIENTOS & RIVAS, 2012).

Dada à rápida e extensiva repercussão das agressões, não é surpreendente que o efeito de tal ato seria mais penoso e prejudicial para a vítima de *cyberbullying* do que para uma vítima do *bullying* presencial, onde o fenômeno se resume a um pequeno grupo de espectadores. Em essência, o efeito do grupo cyber ultrapassa as barreiras da escola, sendo que seu público potencial é ilimitado (SHARIFF, 2011).

Metodologia

Este trabalho trata de um levantamento com um delineamento transversal, através da aplicação de um questionário sobre *cyberbullying* com alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental das redes pública e particular em Curitiba-PR. A escolha dos colégios deu-se pela similaridade na infraestrutura de laboratório de informática e seu uso. A pesquisa teve como benefício identificar a frequência de *cyberbullying* de forma a proporcionar subsídios para um futuro planejamento de projetos e/ou programas de intervenção em relação a esse fenômeno.

Para esse estudo, criou-se um questionário on-line anônimo, composto por 42 questões (91 perguntas) para identificar os tipos de ocorrências de *cyberbullying*; levantar a ocorrência dos papéis de vítima, agressor e espectador; caracterizar os tipos de *cyberbullying*; e verificar fatores relacionados como: violência física, psicológica e sexual, além dos fatores de exclusão social (religioso, físico, acadêmico, entre outros).

Um recente trabalho de Wendt & Lisboa (2014), nas bases de dados: *Pepsic*, *Science Direct*, *BVS*, *PsychInfo*, *Scielo* e *PubMed*, sobre prevalência, características e consequências do *cyberbullying*, indica que os instrumentos existentes até agora ainda não dão conta de abarcar especificidades do fenômeno *cyberbullying*. Este trabalho aponta a inexistência e necessidade do desenvolvimento de instrumentos que possam mensurar o *cyberbullying*, de formas mais sensíveis à cultura latino-americana e, em específico, à brasileira. Por essa razão, elaborou-se um instrumento específico, de forma que poderá ser comparado aos dados de Shariff (2011) e Campos (2009) de estudos sobre *bullying* presencial, como o de Brasil (2010). Utilizou-se, também, o Inventário de Estilos Parentais para identificar o perfil do relacionamento familiar dos envolvidos. Para análise dos dados, foram utilizados os testes paramétricos de qui-quadrado

e Teste T, a um nível de significância de 5%, para comparar os resultados do colégio público com o do colégio particular.

Os dados que serão apresentados são resultado da aplicação de 328 questionários, sendo 173 aplicados no colégio público e 155 aplicados no colégio particular.

Resultados

Para a apresentação dos resultados, optou-se, neste artigo, pela organização em quatro subcategorias que serão apresentadas a seguir.

Perfil socioeconômico e sociodemográfico

Assim como esperado na escolha das escolas, o levantamento socioeconômico da pesquisa indicou uma grande diferença na renda familiar entre os alunos das duas escolas. Na pública, 73,6% tinham uma renda de até cinco mil reais; na escola particular, 80,6% tinham uma renda maior do que cinco mil reais.

Observou-se, também, uma diferença sobre a frequência com que os alunos se depararam com cenas de violência dentro da escola. No colégio público, 24,5% dos alunos presenciaram cenas de violência assiduamente (13,9%) ou sempre (11,6%); no colégio particular essa taxa corresponde a 12,9% dos alunos, sendo que 7,1% presenciaram cenas de violência assiduamente e 5,8% presenciaram sempre. Esses dados vão ao encontro com o estudo de Lopes (2008) que, ao pesquisar sobre violência nas escolas da cidade de Maringá-PR, apontou que as escolas públicas tendem a ter mais casos de violências se comparadas às escolas particulares.

O autor complementa afirmando que essa diferença não está ligada a ocorrência real de violência, e sim uma diferença na percepção de cenas violentas pelo fato de existirem, com maior frequência em colégios públicos, cenas de micro violência ou incivilidades.

Perfil do uso da internet dos participantes

Após o levantamento sociodemográfico e de perguntas que verificavam como aluno se sentia no ambiente escolar, identificou-se o perfil do uso da internet dos participantes. É importante ressaltar que, como os dois colégios têm laboratório de informática que são utilizados regularmente, a alternativa nunca foi excluída e colocada junto à esporádica (zero a duas vezes). Para fins de comparação utilizamos a pesquisa da CGI (2012) que indica o uso da

internet por crianças e adolescentes de todo o Brasil. Observou-se que 53% do total dos alunos utilizavam sempre a internet, e apenas 9,5% afirmaram que nunca ou esporadicamente utilizavam, o que corrobora com os dados apresentados pela pesquisa do CGI (2012), indicando que 47% das crianças utilizam a internet todos os dias e 5% utilizavam menos de uma vez por mês.

Na verificação sobre de que forma mais se utilizava a internet, 59,8% afirmaram que utilizavam a internet via celular, no entanto, observou-se que a internet era utilizada no colégio público por 51,5% dos alunos preferencialmente via computador, enquanto no colégio particular 69% dos alunos utilizam a internet via celular. Esses dados modificam a visão da pesquisa da CGI (2012) que aponta que as crianças e os adolescentes brasileiros de 9 a 16 anos têm o celular como segundo equipamento mais utilizado para acessar a internet (21%), atrás apenas do uso do computador (58%). Isso pode ser explicado pelo avanço tecnológico de aparelhos telefônicos e a entrada do *smartphone* que facilita o acesso à internet por via do celular.

Quando questionados sobre o que fazem na internet, os resultados indicaram que 59,8% acessavam *sites* pessoais (redes sociais, *blogs* e páginas de relacionamentos) e 50,6% para jogar on-line. As informações confirmam os dados da pesquisa CGI (2012), 68% acessavam *sites* pessoais e 54% utilizavam para jogos on-line.

Agentes ligados ao cyberbullying: vítima, agressor e espectador

Para identificar os agentes ligados ao *cyberbullying*, foi formulado um conjunto de perguntas para indicar a ocorrência em cada personagem (vítima, agressor e espectador) dentro das escolas, sendo primeiramente analisado o *bullying* presencial e depois os comportamentos ligados ao meio cibernético.

Observou-se que não existiram diferenças estatisticamente relevantes na comparação entre os colégios no quesito de vitimização de *bullying* presencial. Do total de alunos dos dois colégios, 9,2% já foram deixados de fora de um grupo ou ignorados, sendo 4,3% assiduamente e 4,9% sempre; 5,1% dos alunos disseram já ter sofrido violência física dentro da escola, sendo 2,4% assiduamente e 2,7% sempre; 2,7% dos alunos disseram se envolver sempre em situações em que outras pessoas tocaram partes do corpo delas de forma que elas se sentiram ofendidas, enquanto 8,8% dos alunos disseram sempre receber gestos obscenos dentro do colégio. Esses dados condizem com os do estudo de Moreno e outros (2013), que comparam resultados de

vítimas de *bullying* entre colégios públicos e particulares de Recife-PE, e afirmando não existir diferenças estatisticamente significativas entre as escolas.

Após, foram feitas perguntas a respeito do perfil de vitimização de *cyberbullying* comparados entre os dois colégios, e os resultados mostram que também não existe nenhuma diferença estatisticamente relevante entre eles. É importante relembrar a colocação dos autores Hawker e Boulton (2000); Leishman (2005); Slonje & Smith (2008); Vandebosch & Van Cleemput (2008); Wendt, Campos e Lisboa (2010); Shariff (2011); Li, Cross & Smith (2012) os quais afirmam que, diferente do *bullying* presencial, os eventos virtuais podem ocorrer apenas uma vez e serem caracterizados como *cyberbullying*, já que sua repetição se dá por si só, em meios de compartilhamentos, *print screen*, acessos aos *sites* e visualizações de comentários. Com isso, ao analisar os resultados ligados a *cyberbullying*, observamos todos os casos não esporádicos (que ocorreram somente uma ou duas vezes), ou seja, resultados que ocorreram com uma somatória das frequências “de vez em quando”, “assiduamente” e “sempre”.

Os resultados de vitimização de *cyberbullying* indicam que 17,5% dos alunos afirmaram que já tiveram sua rede social invadida por outra pessoa a fim de prejudicá-las, sendo 14,6% de vez em quando, 2,1% assiduamente e 0,6% sempre; 20,1% dos alunos disseram já ter recebido *sms*, *e-mail* ou mensagem ameaçadora; 16,8% dos alunos reportaram terem sido prejudicados mais de uma vez pelo compartilhamento de informações íntimas; 23,7% dos alunos receberam insultos por mensagens, *sms* e *e-mail*; e 24,1% já foram vítimas de algum boato ou mentira postada ou enviada via internet. Observou-se que 10% dos alunos disseram existir alguma foto constrangedora sua que já foi postada ou enviada sem autorização. Esses dados corroboram com os apresentados por Shariff (2011, p. 124) com alunos canadenses, os quais apontam que 22% tiveram sua rede social invadida alguma vez; 13% receberam *sms* ou *e-mail* ameaçador; 13% tiveram informação íntima divulgada, 6% receberam insultos via *sms* ou *e-mail*, 13% tiveram boatos espalhados na internet, e 6% tiveram foto postada.

Após perguntas sobre vitimização, foi questionado a respeito de atos que eles possam ter cometido, indicando um possível perfil de agressores de *bullying* presencial, que posteriormente foi comparado entre os colégios. Estatisticamente a única diferença entre os colégios é na taxa de exclusão de alunos de um grupo, que é muito maior no colégio particular do que no público. Enquanto que no colégio público essa taxa se manteve em 2,3%, ocorrendo assiduamente ou sempre, no colégio particular essa taxa foi de 7,1%, sendo 3,9% assiduamente e 3,2% sempre. A pesquisa indica que 4,8% dos alunos costumaram cometer violência física

dentro dos colégios, 3% dos alunos disseram já ter encostado partes do corpo de outro colega para constrangê-lo e 4,5% assumiram ter feito gestos obscenos para ofender algum colega. Esses dados confirmam os apresentados no estudo sobre *bullying* de Brasil (2010) que aponta que 3,9% dos alunos excluíram ou ignoraram alguém, 5,9% cometeram violência física, e 0,4% assediaram sexualmente.

Buscou-se, depois, o perfil de agressores de *cyberbullying*. Os resultados indicam não existir diferenças estatisticamente relevantes entre os dois colégios. Observou-se que 8,5% já invadiram alguma rede social de amigos para prejudicar algum colega, sendo 6,1% de vez em quando, 0,9% assiduamente e 1,5% sempre; 7% dos alunos disseram já ter enviado *sms*, *e-mail* ou mensagem ameaçadora para outras pessoas; 10,5% assumem que já compartilharam informações pessoais de outros para prejudicar essa pessoa; 16,2% já enviaram insultos via *sms*, *e-mail* ou mensagem; 8,8% postaram ou enviaram boatos ou mentiras para prejudicar colegas; e 9,1% afirmaram já ter postado ou enviado fotos constrangedoras de colegas, com o mesmo objetivo. De acordo com Wendt e Lisboa (2014) estudos internacionais indicam que a taxa de agressores difere muito em cada país. Os autores apontam que no Canadá a taxa é de 17% (LI, 2006 apud WENDT e LISBOA, 2014); nos Estados Unidos essa taxa é de 9,4% (WILLIAMS e GUERRA, 2007 apud WENDT e LISBOA, 2014); na Holanda 16% são agressores (DEHUE e outros 2008 apud WENDT e LISBOA, 2014); na Suécia, 10,6% (SLONJE e SMITH apud WENDT e LISBOA, 2014); na Finlândia 7,4% seriam agressores (SOURANDER et al. 2010 apud WENDT e LISBOA, 2014); e na Sérvia 10,06% relatam ter cometido *cyberbullying* (POPOVIC-CITIC e outros 2011 apud WENDT e LISBOA, 2014).

Os resultados acerca do perfil de espectadores de *bullying* presencial comparados entre os colégios indicam que existem diferenças entre as instituições. Quando apontados fatos de violência física, 26% dos alunos do colégio público já presenciaram colegas cometendo cenas violentas, enquanto que essa taxa é de 10,3% no colégio particular; 16,2% dos alunos do colégio público disseram já ter visto frequentemente colegas encostando-se a partes do corpo de outro colega com o intuito de constrangê-lo, já no colégio particular essa taxa foi de 6,5%. Entretanto, outras duas questões direcionadas especificamente ao *bullying* indicam que não existem diferenças estatisticamente relevantes entre o colégio público e particular, pois em ambos 20,1% dos alunos presenciaram colegas sendo excluídos e 20,2% presenciaram ofensas através de gestos obscenos.

Também não foram encontradas diferenças em espectadores de agressões cibernéticas. O resultado indicou que, em ambos os colégios, 36,5% dos alunos já presenciaram ou conhecem

colegas que invadiram outras redes sociais; 34,8% souberam de colegas que enviaram ameaças via *e-mail*, *sms* ou mensagem; 40% dos alunos presenciaram ou souberam de colegas compartilhando informações íntimas para prejudicar outras pessoas; 36,9% disseram saber ou presenciar colegas enviando insultos via *sms*, mensagem ou *e-mail*; 36,9% afirmaram saber ou presenciar a postagem e/ou envio de boatos com intuito de prejudicar colegas; e 34,8% disseram saber ou presenciar o envio de fotos constrangedoras com o mesmo objetivo.

A fim de sabermos se o aluno tinha consciência de que as situações presenciadas eram *bullying* ou *cyberbullying*, perguntamos se eles já tinham presenciado algum desses dois tipos de violência na escola. Em relação as questões sobre o reconhecimento em ser espectador de *bullying* presencial ou *cyberbullying*, comparados entre os colégios público e particular, foi possível observar que a diferença entre os colégios se encontra apenas no *bullying* presencial, pois na escola pública 17,9% dos alunos afirmaram que presenciavam sempre, enquanto na particular essa taxa foi de 5,8%, totalizando 12,2% em ambos os colégios. Já em casos de *cyberbullying*, esse valor foi menor, pois 5,5% disseram presenciar esses casos sempre, mas 33,6% disseram já ter presenciado casos de *cyberbullying* mais do que esporadicamente. Os dados vão de encontro ao que pesquisa de Brasil (2010) aponta, onde 70% dos alunos já presenciaram casos de *bullying* no meio escolar e 30% no meio virtual.

Inventário de Estilos Parentais

Para entendermos qual a relação desses alunos dentro de casa, aplicamos também o Inventário de Estilos Parentais. Esse instrumento investiga práticas educativas parentais relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais ou antissociais em crianças e adolescentes. Essas práticas são divididas em dois grupos: (a) práticas educativas positivas, que envolvem a monitoria positiva e o comportamento moral; e (b) práticas educativas negativas, grupo formado pela negligência, abuso físico, disciplina relaxada, punição inconsistente e monitoria negativa. Para o presente estudo foi utilizado dados brutos de todas as práticas educativas parentais e do IEP, obtidos através da soma das variáveis positivas subtraindo a soma das variáveis negativas. O IEP varia entre +24 e -60 e um índice positivo indica prevalência de práticas educativas positivas com pouca ou nenhuma frequência de práticas negativas. Um escore IEP negativo é indicativo de prevalência de práticas educativas negativas com pouca ou nenhuma prática positiva. (GOMIDE, 2006).

O perfil de estilo parental de pais e mães, comparado entre os colégios público e particular. De modo geral, 62,8% dos alunos indicam ter pais de estilo parental de risco (41,2%)

ou regular abaixo da média (21,6%), e 61,2% indicam ter mães com estilo parental de risco (40,5%) ou regular abaixo da média (20,7%). Isso indica que tanto no cuidado materno quanto no paterno temos pais com práticas educativas de risco, podendo indicar problemas familiares e de relacionamentos dentro de casa.

Observa-se uma diferença estatística nos estilos parentais de pais e mães do colégio particular com o público. No IEP paterno, 53,2% dos alunos do colégio público indicam ter um estilo parental de risco enquanto no particular o percentual é de 27,7%. Quando observamos o estilo parental ótimo, vemos que apenas 7,5% dos alunos do colégio público têm esse estilo, enquanto no particular temos um percentual de 26,5%.

No IEP materno, observa-se que 45,7% dos alunos do colégio público apresentaram um estilo parental de risco, enquanto no particular o índice foi de 34,8%. Ao analisar o índice do estilo parental materno ótimo, no colégio público temos 10,4% e no particular 22,6%. Os dados apresentados condizem com os estudos de Gomide (2007) indicando que os estudantes da escola particular percebem menor índice de monitoria negativa paterna do que o grupo da escola pública, e que os participantes das escolas públicas perceberam suas mães com maiores índices de monitoria negativa.

Na tabela 1 encontram-se as escalas formadas pela somatória das questões que analisam cada aspecto envolvido no fenômeno. Na apresentação da tabela, é possível perceber a diferença entre o colégio estadual e o particular. Para que pudéssemos analisar a coerência interna das questões, foi aplicado o teste de Confiabilidade, utilizando o Alpha de Cronbach, acima de 0,85. Foram descritos, conforme a tabela 1, os valores de cada escala, o valor do Alpha de Cronbach e o valor de "p", obtido na comparação efetuada pelo Teste T para comparar os índices obtidos nas escalas da escola pública e privada. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os colégios.

Tabela 1 - Diferenças nas escalas de *bullying* e *cyberbullying* entre alunos de um Colégio Público e um Particular de Curitiba.

Variável	Cronbach Alpha (α)	Estadual (n=173)	Particular (n=155)	p*
Vítimas de <i>Bullying</i>	0,861	14,31	13,69	0,183
Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	0,851	13,42	13,32	0,822
Agressor de <i>Cyberbullying</i>	0,911	11,93	11,94	0,979
Espectador de <i>Cyberbullying</i>	0,916	20,11	18,71	0,085

*Teste T para igualdade de médias entre escolas públicas e particulares

Fonte: Dados organizados pelos autores, com base nos questionários

As escalas foram correlacionadas com os resultados do Inventário de Estilos Parentais (IEP) paterno e materno. Na tabela 2 observa-se uma correlação estatisticamente significativa, apesar de ser baixa. Ela ocorreu de forma negativa, pois quanto maior o valor da escala de

bullying e *cyberbullying*, maior é a sua ocorrência. Entretanto, no IEP, quanto menor o índice obtido, maior a possibilidade de um estilo parental de risco. Ou seja, a ocorrência de *bullying* e *cyberbullying* (vítima, espectador ou agressor) tende a ser maior entre estudantes que têm famílias com estilos parentais de risco.

Tabela 2 - Correlação dos resultados das escalas de *bullying* e *cyberbullying* com o IEP materno e paterno, de alunos de dois colégios de Curitiba.

Variável	IEP Paterno		IEP Materno	
	ccp*	P	ccp*	p
Vítimas de <i>Bullying</i>	-0,25	0,00	-0,25	0,00
Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	-0,28	0,00	-0,30	0,00
Agressor de <i>Cyberbullying</i>	-0,30	0,00	-0,23	0,00
Espectador de <i>Cyberbullying</i>	-0,12	0,03	-0,16	0,00

*ccp: Coeficiente de Correlação de Pearson

Fonte: Dados organizados pelos autores, com base nos questionários

Para confirmar esse dado, foi criada uma variável com dois grupos, estilo parental de risco e estilo parental sem risco, apresentada na tabela 3. No estilo parental de risco, foram somados os casos em que o índice indicou estilo parental de risco ou regular abaixo da média. Para o estilo parental sem risco, foram somados os casos em que o índice indicou estilo parental acima da média ou estilo parental ótimo. Os dois grupos foram comparados e observaram-se diferenças estatisticamente significativas, ou seja, a ocorrência de *bullying*, vítima de *cyberbullying*, agressor de *cyberbullying* e espectador de *cyberbullying* são estatisticamente maior no grupo que tem estilo parental de risco paterno e materno. Esses dados demonstram que o *bullying* e o *cyberbullying* estão relacionados aos estilos parentais maternos e paternos, indicando que as estratégias de prevenção devem incluir intervenções junto aos pais, de forma a melhorar os estilos parentais.

Tabela 3 - Correlação dos resultados das escalas de *bullying* e *cyberbullying* com o IEP materno e paterno, de alunos de dois colégios de Curitiba

Variável	IEP Paterno		IEP Materno	
	Risco	Não Risco	Risco	Não Risco
Vítimas de <i>Bullying</i>	14,43*	13,31	14,66*	13,00
Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	14,01*	12,30	14,21*	12,04
Agressor de <i>Cyberbullying</i>	10,99*	12,50	12,44*	11,14
Espectador de <i>Cyberbullying</i>	18,16*	20,21	20,15*	18,44

*Teste T para igualdade de médias entre grupo de Risco x Não Risco no IEP, $p < 0.05$

Fonte: Dados organizados pelos autores, com base nos questionários

Considerações finais

O ciberespaço tem se tornado cada vez mais um objeto de estudo da psicologia. O envolvimento social que esse espaço nos permite implica em sentimentos e respostas reais, sendo tão prejudiciais quanto aos casos do mundo real, “face-a-face”. As situações que antes eram facilmente resolvidas, agora têm perspectivas e contextos diferentes.

O objetivo deste estudo foi analisar a ocorrência de *cyberbullying* entre estudantes de escolas públicas e particulares de Curitiba. De acordo com os resultados apresentados torna-se visível que o problema do *cyberbullying* não é algo que tem como influência a questão socioeconômica. Percebe-se que tanto as escolas quanto os pais têm se preocupado muito com o fenômeno do *bullying* e acabam não constatando que esse comportamento, que é controlado dentro das escolas, tem sido extravasado em ambientes virtuais que, por muitas vezes, os jovens utilizam sem a supervisão de adultos.

Diante dos dados coletados foi possível perceber que a complexidade do fenômeno se dá na relação entre o agressor, o espectador e a vítima, formando assim um ciclo de acontecimentos, que no meio virtual pode ser considerado autossustentável. As reações à discriminação, exclusão e agressão, principalmente nas fases da pré-adolescência e adolescência, têm se agravado, tornando-se menos visíveis por serem facilmente confundidas e interpretadas como brincadeiras. A internet tem contribuído muito para isso, pois atualmente é fácil encontrar em redes sociais, *sites* e *blogs*, vídeos com o objetivo de satirizar pessoas devido às suas vestimentas, ao porte físico, entre outros aspectos. A relação demonstrada com os estilos parentais indica a necessidade de intervir também no núcleo familiar, o que corrobora os estudos internacionais de Shariff (2011), Li, Cross e Smith, (2012) e Wendt (2014), autores que indicam a intervenção e prevenção desse fenômeno através de aprendizagens de habilidades sociais e o uso da empatia.

O presente estudo não teve como objetivo esgotar o assunto a respeito desse fenômeno. Sabe-se que existe muito para se estudar. Olhando em proporções crescentes, a cada dia são criadas novas tecnologias e meios mais poderosos são implementados na vida das crianças e dos adolescentes. Assim, pode-se supor que esse fenômeno só tende a crescer. Além disso, devido às repercussões físicas e psicológicas das diversas formas de *bullying*, tanto para as vítimas como para os agressores, não cabe mais pensar em intervenções clínicas individualizadas, mas sim em um amplo programa de enfrentamento, que, de preferência, envolva o contexto comunitário como um todo. As evidências hoje disponíveis sobre a agressão entre colegas, tanto na escola como em casa, sugerem que um programa preventivo de *bullying* e do fenômeno *cyberbullying* possa ser também uma estratégia de prevenção em relação ao próprio comportamento suicida ligado tanto às vítimas quanto aos agressores.

Pelos referenciais teóricos utilizados e pela pesquisa feita para a construção desse estudo, indica-se também a necessidade de se criar um instrumento que tenha como objetivo a investigação desse fenômeno. Sugere-se que os próximos estudos utilizem questões

escalonadas que possam identificar a frequência e causas de cada papel envolvido no *cyberbullying*. O questionário desenvolvido para essa pesquisa indicou um grande potencial estático e de confiabilidade para o uso, porém reconhece a necessidade de se aprofundar no estudo, de forma a validá-lo e padronizá-lo para ser utilizado de forma mais ampla.

Sugere-se também que novas pesquisas investiguem o ponto de vista de todas as pessoas envolvidas no fenômeno, como agressores, vítimas espectadores, escola, família e sociedade, e que mais pesquisas revelem sua ocorrência, comparando-se dados de forma a analisar diferenças culturais e regionais. Vale ressaltar que os estudos devem ser cuidadosos quanto à questão da definição do *cyberbullying*, pois se for muito abrangente, poderia indicar que qualquer agressão, comentário preconceituoso, mesmo que ocorra sem intenção, estaria dentro do fenômeno, tornando-o superestimado. Por outro lado, uma definição pouco abrangente pode subestimar o mesmo fenômeno.

Este estudo demonstrou que o *cyberbullying* ocorre com uma frequência significativa na vida de crianças e adolescentes, e que devem ser tomadas medidas urgentes no sentido de se estabelecer políticas públicas, como desenvolvimento de leis que prevejam projetos de prevenção dentro das escolas, e medidas punitivas que trabalhem com ressocialização, além do trabalho de formação de professores no desenvolvimento de habilidades sociais, dando apoio para discussão desse assunto entre as escolas e a comunidade.

REFERÊNCIAS

ARTZ, Sibylle. **Sex, Power , & the Violent School Girl** . Trifolium Books, Inc., 238 Davenport Road, Suite 28, Toronto, Ontario, M5R 1J6. 1998.

BELÃO, João Carlos Fabro; LEÃO JUNIOR, Cleber Mena & Carvalho, João Eloir. Redes Sociais: do lazer online ao *cyberbullying*. **Anais do VI Encontro do Lazer do Paraná**. Maringá. Paraná. 2012.

BELSEY, Bill. **What is cyberbullying?** - Web page – *Bullying.org*. Canada Incorporated. 2004. Disponível em: <http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_Information.pdf> Acesso em 05 de maio de 2013.

BIBOU-NAKOU, Ioanna; TSIANTIS, John; ASSIMOPOULOS, Harisios & CHATZILAMBOU, Persa. Bullying/victimization from a family perspective: a qualitative study of secondary school students' views. **European Journal of Psychology of Education**, 28(1), 53-71. 2013.

BOYD, Neil. **The beast within: Why men are violent**. Vancouver, BC: Greystone Books. 2000.

BRASIL, Plan. **Bullying Escolar no Brasil: Relatório Final**. São Paulo: CEATS/FIA. 2010. Disponível em: <<http://promenino.org.br/portals/0/pesquisabullying.pdf>> Acesso em 18 de março de 2013.

CAMPBELL, M. A. Cyberbullying: An old problem in a new guise? **Australian Journal of Guidance and Counselling**, 15(1), pp. 68-76. 2005. Disponível em: <<http://eprints.qut.edu.au/1925/1/1925.pdf>> Acesso em 19 de maio de 2013.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian 2005.

CAMPOS, Mariana. **O Cyberbullying, natureza e ocorrência em contexto Português**. Dissertação de Mestrado não publicada. Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal. 2009. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1884>> Acesso em 26 de Setembro de 2013.

CGI. TIC Kids Online Brasil 2012: **Pesquisa Sobre o Uso da Internet Por Crianças e Adolescentes No Brasil**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012. Disponível em: <<http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2012.pdf>> Acesso em 18 de março de 2013.

DIGIULIO, Robert C. (2001). **Educate, mediate or litigate? What teacher, parents and administrators must do about student behavior?** Thousand Oaks, CA Corwin Press. Disponível em: <<http://eric.ed.gov/?id=ED454581>> Acesso em 18 de março de 2013.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz** (2. ed.). Campinas, SP: Versus. 2005.

FRANCO, Augusto. **A Rede**. Série Fluzz. V.1 São Paulo. 2012. Disponível em: <<http://api.ning.com/files/ozuLmGL9D4b6eI8-jVK8cAV2Q2JE6tFHX6d45NffM6V-wjX1YPgFOikbPuJiXdixcRKUy7m3mpFhWy8T5w0nJc1jIEhXXlpW/SrieFLUZZVolume1AREDE.pdf>> Acesso em 17 de setembro de 2013.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. Percurso de padronização e normatização. **Psicologia Argumento**, 25(48), 15-26. Curitiba. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=996&dd99=view&dd98=pb>> Acesso em 12 de maio de 2015.

HAWKER, David, S.J; BOULTON, Michael J. Twenty Years' Research on Peer Victimization and Psychosocial Maladjustment: A Meta-analytic Review of Cross-sectional Studies. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, 41(4), 441-455. 2000.

LEE, Chang Hun. An ecological systems approach to bullying behaviors among middle school students in the United States. **Journal of Interpersonal Violence**, 26(8), 1664-1693.

LEISHMAN, Joan. **Cyber-bullying CBC News Online**. 2005. Disponível em: <<http://www.njbullying.org/CBCNewsInDepthBullying.htm>> Acesso em 18 de outubro de 2013 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34: São Paulo. 1999.

LI, Qing; CROSS, Donna; SMITH, Peter K. **Cyberbullying in the Global Playground: Research from International Perspectives**. Chichester: Wiley-Blackwell. 2012.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, 81(5), 164-172. 2005. Disponível em: <www.uff.br/saudecultura/encontros/Bullyng.pdf> Acesso em 18 de março de 2013.

MARTINS, Maria José D. O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**, 18(1), 93-105. 2005.

MORENO, Emily Anne Cardoso; SILVA, Amanda Pereira; FERREIRA, Galdência Amaro; SIVA, Feliciale Pereira; FRAZÃO, Iracema da Silva, & CAVALCANTI, Ana Márcia Tenório. Perfil epidemiológico de adolescentes vítimas de *bullying* em escolas públicas e privadas. **Revista Enfermagem UERJ**, 20(6), 808-813. 2013. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/6030>> Acesso em 28 de abril de 2015.

OLIVEROS, Miguel; AMEMIYA, Isabel; CONDORIMAY, Yolanda; OLIVEROS, Ricardo; BARRIENTOS, Armando & RIVAS, Bruno. **Cyberbullying**: Nueva tecnología electrónica al servicio del acoso escolar en alumnos de dos distritos de Lima, Perú. *An Fac med*, 73(1), 13-8. 2012.

PATCHIN, Justin; HINDUJA, Sameer. Bullies move beyond the schoolyard: A preliminary look at *cyberbullying*. **Youth Violence and Juvenile Justice**, 4(2): 148-69. 2006.

SHARIFF, Shaheen. **Cyberbullying**: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família. Porto Alegre: Artmed. 2011.

SLONJE, Robert.; SMITH, Peter. K. Cyberbullying: Another main type of bullying? **Scandinavian Journal of Psychology**, 49(2), 147-154. 2008.

SMITH, Peter K. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In E. Debarbieux & C. Blaya (Eds.), **Violência nas escolas e políticas públicas** (pp. 187-205). Brasília, DF: UNESCO. 2004.

TOGNETTA, Luciana Regina Paulino.; BOZZA, Thais Cristina Leite. Cyberbullying: quando a violência é virtual - Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. 2010. In: GUIMARÃES, A.M.; PACHECO E ZAN, D.D. **Anais do 1º Seminário Violar**: Problematizando juventudes na contemporaneidade. 2010. Campinas, SP: FE/UNICAMP. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/semviolar/anais/Anais-ISemViolar.pdf>> Acesso em 12 de abril de 2013.

VANDEBOSCH, Heidi; VAN CLEEMPUT, Katrien. Defining cyberbullying: A qualitative research into the perceptions of youngsters. **CyberPsychology & Behavior**, 11(4), 499-503. 2008.

WENDT, Guilherme Welter; CAMPOS, Débora Martins de; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: bullying, cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea. **Cad. psicopedag.**, São Paulo, v. 8, n. 14, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492010000100004&lng=pt&nrm=iso Acesso em 11 de maio de 2013.

WENDT, Guilherme Welter; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. Compreendendo o fenômeno do cyberbullying. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 1, abr. 2014. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100004&lng=pt&nrm=iso > Acesso em 03 de março de 2015.

WILLARD, Nancy. Off-campus, harmful online student speech. **Journal of School Violence**, 1(2), 65-93. 2003.